

US\$ 740 milhões

Isto é o que o País economizará em 1985 com a queda dos juros externos

a menos de dívida

orrída nos últimos 30 dias. E a *prime-rate* cai, novamente, de 12,5% para 12%.

A *prime rate* (juros que os bancos norte-americanos cobram de seus melhores clientes) voltará a cair de 12,5 para 12,0%, a partir de segunda-feira. A notícia fez reaparecer o ânimo em Brasília, onde fontes do Banco Central estimavam que a queda de 1% observada na *prime rate* nos últimos 30 dias significa que o País deixará de desembolsar o equivalente a US\$ 740 milhões. Contudo, alguns analistas advertem que essa queda de taxas pode ser apenas uma forma de ajudar a reeleição do presidente Ronald Reagan, às vésperas do pleito de 6 de novembro.

No início da semana, dois bancos de Minneapolis, o St. Paul e o Minnesota, já tinham reduzido os seus juros bancários. Ontem, o exemplo foi adotado pelo Citibank (o segundo maior banco dos EUA), o Chase Manhattan Bank (o terceiro maior banco), o Chemical Bank (o sexto) e o First National Bank of Chicago (o sétimo).

No início de 1984, a taxa básica de juros era de 11% ao ano, tendo subido até 13% em junho. O patamar mais elevado já alcançado pela *prime rate* é de 21,5%, registrado em dezembro de 1980.

As taxas referentes a fundos federais que os bancos norte-americanos cobram uns dos outros pelos empréstimos *overnight* caíram de 9,5 para 9,0% na semana passada.



No Banco Central, em Brasília, a esperança é que os juros continuem em queda, refletindo uma menor expansão da economia norte-americana, uma atuação menos restritiva da Reserva Federal (o banco central dos EUA) e até a expectativa de que, em seu segundo mandato, Reagan reduzirá o déficit público.

Acompanhada da retração dos preços do petróleo, a queda da *prime* e também da *Libor* (taxa básica do euromercado) trazem melhora sensível às projeções das contas externas do país até 1990, que os banqueiros e o governo utilizarão, a partir do próximo dia 5, para a próxima etapa da renegociação da dívida externa. A queda de 1% na *prime* e na *Libor* dão ao país dinheiro suficiente para a compra de mais de um mês de petróleo e mais de um ano de trigo.

"Jogada política"?

A redução das taxas de juros nos Estados Unidos "pode ter um pouco de jogada política ou o retorno da confiança da sociedade norte-americana no tocante à forma como o governo vem recuperando sua economia". Estas foram as hipóteses levantadas pelo diretor do Banco Boavista de Investimento, José Júlio Senna.

Após deixar claro que essa recente redução não pode ser interpretada como uma tendência definida de declínio, explicou que, apesar da independência que o Banco Central norte-americano tem em relação ao governo, "ele poderia forçar uma queda das taxas de juros às vésperas de um pleito onde a atual administração concorre à reeleição".

Para Senna, a hipótese mais plausível para justificar a redução da *prime rate* seria o fato de a sociedade norte-americana ter readquirido a confiança no comando da política econômica.

Para o diretor do Banco Boavista, e também professor da Fundação Getúlio Vargas, é difícil antever que tipos de efeitos esta queda de juros nos EUA pode provocar no mercado financeiro brasileiro, uma vez "que estamos muito afastados do ambiente da economia norte-americana".